

Fotografia de imprensa em sala de aula: usos e reflexões

JOSÉ ROBERTO GONÇALVES¹

E-mail- jrg.foto@yahoo.com.br

A experiência visual humana é fundamental no aprendizado para que possamos compreender o meio ambiente e reagir a ele; a informação visual é o mais antigo registro da história humana. (DONDIS, 1997, p. 7)

O trabalho com imagens em sala de aula há muito deixou de ser novidade para o educador. Nos bancos universitários o futuro professor é instruído sobre a importância da imagem na formação do indivíduo e de sua personalidade, os exemplos da ‘criança diante do espelho’ de Jacques Lacan, são evocados de forma sistemática para ilustrar o assunto. Contudo, as formas de se trabalhar com as imagens em sala de aula passam ao largo.

Em alguns casos, mais detidamente nos cursos de História e Artes, a análise de imagens recebe tratamento diferenciado, inclusive com disciplinas específicas para este fim (história da arte ou estética). Entretanto, o emprego das imagens no fazer diário em sala de aula pouco ou nunca é explorado, não pela falta de apreço pelo tema, mas sim pela complexidade do assunto. Trabalhar com imagens, via-de-regra, exige do educador um conhecimento mais apurado que vai além de sua disciplina específica. Exigindo uma formação mais ampla que abrange não só os assuntos correlatos à imagem que ele irá utilizar, mas também, na análise da gênese da imagem e suas múltiplas formas de composição e leitura. Cristina Costa, em seu livro Educação, Imagens e Mídia (2005) ao analisar a importância da imagem na cultura humana destaca:

¹ Doutorando do Programa em História da PUC-SP, Mestre em Multimeios pela Unicamp. Professor Titular da disciplina fotografia da Universidade do Vale do Sapucaí – Pouso Alegre - Minas Gerais.

O observador que contemplar *A Última Ceia* fará uma leitura mais profunda da obra se conhecer a bíblia e se souber que o pintor foi Leonardo da Vinci, filósofo e cientista, um dos maiores nomes do Renascimento, movimento artístico que buscava aproximar as divindades da condição humana, fazendo-as encarnar nossas ansiedades e sofrimentos. Desse modo, em meio à racionalidade expressa na disposição espacial da cena milimetricamente construída, ele poderá “ver” [grifo do autor] a comoção que perpassa os personagens, produzida pelo anúncio da morte próxima do mestre e da traição de um dos presentes à ceia (p.33)

A autora alerta, porém, que apesar das imagens dependerem de elementos externos a ela para sua compreensão, algumas informações estão na própria imagem, ou seja, podemos perceber na pintura em questão a existência de um grupo de homens posicionados de um dos lados de uma mesa, onde diversos alimentos estão dispostos. Parafraseando Philippe Dubois (1994), podemos dizer que a imagem não explica o sentido da cena ali congelada, ela apenas nos mostra os elementos selecionados pelo autor para figurarem naquele momento. E, se esta cena fosse uma fotografia tomada no instante dos acontecimentos teríamos que estes elementos operariam:

(...) apenas na ordem da existência e, em caso algum, na ordem do sentido. O índice para com o “**isso foi**” [grifo do autor]. Não o preenche com um “**isso quer dizer**”. Nesse sentido, podemos dizer que a foto [ou a imagem] não explica, não interpreta, não comenta. É muda e nua, plana e fosca. (p. 85)

Reforçando assim a necessidade de uma pesquisa mais apurada dos contextos de produção, circulação e consumo da imagem para o entendimento mais amplo da mensagem inserida pelo autor na obra e, por conseguinte, para sua utilização em sala de aula. Cristina Costa (2005, p.37) destaca que o *uso da linguagem visual na educação exige planejamento e aprendizado*. Desta forma, obrigando o professor a dispender um tempo maior de estudo e preparação, coisa que nem sempre é possível na realidade das escolas públicas brasileiras. Entretanto, há uma classe de imagens as aglutinam, a seu redor, um conjunto de informações que permitem sua exploração como ferramenta pedagógica de maneira mais rápida e estruturada. Essa classe de imagens é denominada

jornalística. Que, apesar de carregarem em seu bojo toda a subjetividade de seu autor, possuem características intrínsecas ao seu processo de produção que facilitam sua leitura. Ou seja, eles são produzidas de forma orientada a um fim específico: transmitir uma informação para o maior número de pessoas e de preferencia evitando ambiguidades no discurso por ela proferido.

A fotografia jornalística pode conter duplo sentido, mas deve evitar a ambiguidade. *Ao fotografar, o profissional não só pensa no que é registrado, como na significação que aquela imagem transmitirá a quem a veja.* (Pereira Jr, 2006, p. 111) A construção de sentido da fotografia jornalística não para no momento de sua produção pelo fotógrafo, ela continua no momento da seleção e edição. Sendo que

A edição traz fragmentos congelados, mas confere lógica própria a imagem. Expõe a cena e, simultaneamente, trabalho estético e profissional. É construção e também flagrante, é registro e é artifício, testemunho e invenção (idem, p.112)

Temos também, que toda fotografia jornalística é acompanhada de, no mínimo uma legenda, que a complementa e amplia o seu significado. Jorge Pedro Sousa é categórico ao afirmar que: *“para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação de fotografia e textos. Quando se fala em fotojornalismo não se fala exclusivamente de fotografia”* (p.333). Na maioria dos casos a fotografia jornalística está acompanhada não só da legenda, mas também, de um título e de um texto que comenta o fato registrado pelas lentes do fotógrafo, dando um sentido mais restrito para o discurso nela inserido. Desta forma, a fotografia jornalística aliada ao texto jornalístico carrega uma espécie de *‘isso que dizer’*, facilitando o seu entendimento por parte do leitor.

Esta característica da imagem jornalística simplifica sobremaneira sua utilização em sala de aula, pois o assunto que ela discorre, geralmente, referencia-se a uma atualidade, ou seja, de eventos ou personagens que estão em evidencia no momento. Sua circulação é conhecida, suas intenções podem ser mais facilmente observadas, permitindo assim uma ampla gama de discussões e interpretações apoiadas nos textos que a acompanham ou para além dos discursos a ela atribuídos pelos seus produtores/editores.

Devemos levar em conta, também, que uma das funções da fotografia jornalística no contexto de produção da notícia é o de chamar a atenção para o que está sendo dito. Ou seja, a atração visual que a fotografia exerce sobre o leitor implica em uma maior ou menor atenção que este dará a notícia veiculada pelo órgão noticioso. Nesse sentido Pereira Junior observa que: *“não é raro o caso em que o texto, por melhor e mais informativo, perde importância e espaço na página por falta de imagem”* (p. 113). Devemos considerar também, o sentido de novidade que a fotografia jornalística carrega. Em muitos casos, apesar dos personagens já serem amplamente conhecidos, a cena trazida pelas fotografias de imprensa são ‘novas’. Despertando assim o interesse de quem as observa.

Outro ponto a se destacar no contexto da educação nacional reside no fato de que o *“brasileiro, que praticamente saltou de uma fase oral para uma fase audiovisual sem a devida mediação da escrita”* (Teixeira, 2005, p. 67) tem nas imagens um forte apelo na construção do conhecimento e sentido. Aspecto que pode ser explorado positivamente no contexto educacional para despertar o interesse do aluno pela leitura dos demais textos que acompanham a imagem.

Experiências com imagens em sala de aula

Contudo, se é grande a complexidade do processo cognitivo de produção do imaginário, mais simples e espontânea é a nossa convivência com as imagens. Desde muito cedo, as crianças se encantam com as imagens e se comprazem em tentar reproduzir o mundo que as rodeia expressando não só a forma como veem, mas também os sentimentos que eles lhe desperta. (COSTA, 2005, p. 30)

Apesar dos desafios que as imagens apresentam para sua utilização em sala de aula, experiências pedagógicas com o emprego de fotografias têm sido levadas a cabo

por diversos grupos de professores/pesquisadores, nas escolas públicas, com diferentes graus de sucesso. Podemos citar o trabalho realizado por Margareth Brandini Park na cidade de Jarinu, interior de São Paulo, onde a professora pesquisadora trabalhou com um grupo de crianças do ensino fundamental empregando fotografias para recompor a memória da comunidade local e despertar o interesse pela escola. O trabalho foi multidisciplinar, possibilitando a integração, no processo, de disciplinas que normalmente não utilizam a fotografia como ferramenta pedagógica como a matemática e a geografia física. O resultado da experiência foi relatado no livro - “*Memória, Educação e Cidadania*” - editado pelo Centro de Memória da Unicamp – CMU. A partir desta experiência, outras foram implementadas na Rede de ensino de Campinas, também apoiadas pelo CMU, parte destas experiências estão relatadas no livro “*Educação não formal. Cenários de criação*”, organizado por Olga Rodrigues de Moraes von Simson e por Park.

Outra iniciativa disponível para a pesquisa foi à levada a cabo por Maria Alice Faria e Juvenal Zanchetta Junior, que publicaram interessante obra sobre as possibilidades de emprego do jornal em sala de aula. O título é bem ilustrativo e direto “*Para ler e fazer um jornal em sala de aula*”, a obra traz dicas de como se ler e, as técnicas de como se produzir um jornal em sala de aula. Apesar de já se passarem oito anos de sua primeira edição, estas obras continuam atuais pela sua proposta pedagógica.

Além destas iniciativas organizadas por educadores, temos na cidade de Campinas, interior de São Paulo, o programa *Correio Escola*, iniciativa do jornal da cidade *Correio Popular* que desde 1992 promove ciclos de palestras, cursos e seminários sobre a leitura do jornal em sala de aula. Os professores que se integram ao projeto, recebem cinco exemplares do jornal para serem utilizados durante as aulas. O objetivo declarado do projeto é:

(...) levar o aluno a gostar de ler e de se informar diariamente, incorporando novos conhecimentos e comparando-os com os armazenados anteriormente a fim de formar opiniões consistentes e consciência de cidadania. O programa oferece uma cota diária de 5 jornais a cada professor inscrito e inclui visitas ao Parque Gráfico que são feitas com prévio agendamento²

² Disponível em http://cosmo.uol.com.br/institucionais/correio_escola/projeto.php, acessado em 12/09/2010.

O programa conta com o apoio de educadores da PUC-Campinas e Unicamp que desenvolvem projetos nesta área, que dão suporte pedagógico a iniciativa da empresa jornalística campineira. Entretanto, todas as iniciativas exigem certo grau de comprometimento e interação de toda a estrutura organizacional da unidade de ensino. Fato que nem sempre é possível, devido a inúmeros fatores estruturais inerentes a rede de ensino brasileira. Mesmo o projeto desenvolvido pelo Jornal Correio Popular de Campinas, implica no estabelecimento de uma parceria com editora do jornal que, pode não se interessar em estender a iniciativa para áreas fora de sua cobertura, pois um dos objetivos, não declarado, do jornal, é o de formar futuros leitores e assinantes para os produtos da empresa jornalística financiadora do projeto, ou seja, eles próprios.

Nesse sentido, as reflexões e os usos que proporemos a seguir foram pensados para serem empregados de forma independente pelo educador ou em parceria com uma ou mais disciplinas. Para este exercício pedagógico elegeremos a fotografia de imprensa em virtude de suas características de composição e linguagem, que as tornam mais ‘amigáveis’, por assim dizer, para o trabalho em sala de aula. Pois, diferentemente das imagens históricas ou de referência, o aluno, principalmente os dos centros urbanos, na maioria das vezes, já foi exposto a esta imagem/assunto antes de adentrar a sala de aula.

Sejam pela leitura dos jornais, revistas, telejornais, internet ou pelo rádio ou apenas pelo contato com os colegas e familiares. Esta carga informacional prévia permite ao aluno compor uma visão de mundo que deverá ser explorada neste fazer pedagógico. O emprego da foto jornalística em sala de aula deve ser entendido como um meio para se estabelecer uma relação entre o conhecimento a ser desenvolvido e a realidade vivida pelo aluno e não como um fim em si mesmo. Desta forma, a fotografia de imprensa pode ser utilizada tanto pelas disciplinas de língua portuguesa, redação, matemática, história entre outras. Desta forma, abrindo inúmeras possibilidades de emprego e interação no âmbito da unidade de ensino, como na comunidade em que a escola se insere.

Outro ponto a se destacar é que para efeito deste exercício, empregaremos a fotografia como uma ferramenta para despertar o interesse pela leitura dos demais textos correlatos a ela. Não proporemos no âmbito deste exercício a leitura da fotografia jornalística isoladamente de seu contexto de publicação/veiculação. A fotografia

jornalística será empregada como elemento provocador de atenção e fio condutor do ato de leitura e pesquisa dos demais textos.

A proposta

Para realizar nosso intento, iniciaremos com a proposta das atividades a serem executadas em sala e depois realizaremos a reflexão sobre o tema. Esta estrutura foi pensada para, caso o leitor não se interesse pela atividade proposta não perca o seu tempo lendo todo o capítulo para depois descobrir que para ele não surtirá efeito.

Na sala de Aula

Reconhecimento do sujeito na ação

Material necessário

- 1 – jornal do dia (de preferencia de grande circulação)
- 2 – tesoura
- 3 – cartolina
- 4 – cola ou fita adesiva

Preparação

Recorte as matérias do jornal separando fotografia, título, legenda e corpo da matéria. Crie marcações no verso de forma a identifica-las para posterior reagrupamento, mas que não permita que os alunos as identifiquem com facilidade. Caso tenha tempo cole-as na cartolina e as identifique no verso.

Distribua as fotografias para os diversos grupos e peça que identifiquem quem é o sujeito da fotografia, qual a ação que este realiza, e onde ele realiza esta ação. Após este primeiro exercício, disponha sobre a mesa os títulos recortados e peça para que cada grupo escolha um que julgue melhor se encaixar na fotografia escolhida.

Tome o cuidado para que eles não reconheçam as marcações no verso que identifique a composição realizada pelo jornal através dela. Em seguida peça para que eles cole a imagem e o título na cartolina, utilizando fita adesiva, de forma provisória. Repita a operação com a legenda. Distribua aleatoriamente o texto e solicite que cada

grupo leia, identifiquem o sujeito, a ação e o local em que a ação ocorre e, relacione o texto com a fotografia que melhor lhe complementa.

Desenvolvimento

Peça para cada grupo explicar as suas escolhas, fundamentando como ele chegou a esta conclusão, quais os caminhos escolhidos por eles para chegarem ao resultado. Caso algum grupo tenha relacionado de forma incorreta a fotografia com o título, legenda e texto correspondente proceda a reorganização do material e discorra sobre o processo de construção das narrativas. Ou seja, qual a função do sujeito na frase, do verbo e do complemento. Este procedimento permite que o aluno parta de algo concreto, a fotografia e, siga buscando os elementos já identificados nela, no texto. Em um segundo momento, substitua a fotografia jornalística por imagens históricas dos períodos a serem estudados ou por fotografias e reportagens publicadas em jornais ou revistas quando se tratar de eventos ligados ao século XX. Boa parte deste acervo já está disponível na internet.

Os professores de matemática poderão trabalhar o reenquadramento da fotografia empregando as noções de quadriláteros, solicitando que determinem os ângulos da fotografia e propondo novos ângulos para esta e em consequência o recorte da imagem dentro das novas medidas calculadas.

Caso você tenha gostado do exercício proposto, siga lendo as reflexões sobre os usos e funções da imagem na educação e no jornalismo. Estas observações irão ajudá-lo no processo de preparação e debate com os alunos. O processo de avaliação se a fotografia jornalística foi bem ou mal aproveitada ou editada para o contexto da situação deve ser estimulado, inclusive chegando-se a conclusão que as escolhas feitas pelos editores do jornal, não foram as melhores. Abrindo assim, novo campo de trabalho com os alunos que poderão ser incentivados a reescreverem os títulos, legendas e texto para

aquela fotografia, tendo como base as informações apresentadas no texto jornalístico ou levantadas por eles através de pesquisas ou entrevistas realizadas na própria escola.

Reflexões e Usos

Imagem e educação – o reconhecimento de si

O que é do humano diz respeito a ver, a visadas específicas de mundo, o que levou os gregos, na antiguidade clássica, a pensar o momento final da vida não como último suspiro, mas como último olhar. [grifos do autor]. (GOMES; 2003, p.17)

Convido o leitor a realizar um pequeno exercício de imaginação, coloque-se por um pequeno instante em um mundo onde não haja espelho ou qualquer outra superfície polida que possa refletir a imagem de seu rosto. Ainda inserido neste mundo de imaginação, tente, apenas com o auxílio de sua própria visão, descrever sua face. Qual a cor de seus olhos, como são suas sobrancelhas, seu queixo, sua testa? Como responder a estas indagações, se a nossa visão não alcança essas zonas “escuras” de nossa face. As únicas partes que estão ao alcance de nossos olhos inquisidores são a ponta do nariz e, com certo mover de músculos, a parte superior de nossos lábios. Pouco podemos ver de nós mesmos, por nós mesmos.

Para minimamente sabermos como nosso rosto se parece, o que nos é tão caro precisou do olhar do outro para nos descrever e, ao mesmo momento que este outro nos descreve, nós o descrevemos e nos comparamos. Situamo-nos em um lugar através do entrecruzamento de olhares, construímos quem somos através da junção entre o que vemos e de como somos vistos e, é “o ato de ver que estabelece nosso lugar no mundo circundante” (BERGER; 1999, p. 9). A maneira como vemos o mundo, como aponta Berger, é diretamente influenciada pelo que “sabemos” ou “pelo que acreditamos”, as

coisas nunca são verdadeiramente o que são, mas sim o olhar que lançamos sobre elas, “*olhar é um ato de escolha*”. (idem)

O mundo se transforma e tem sentido através do olhar humano, é o humano que dá nome as coisas, que estabelece sentido para o mundo e para ele mesmo. “*Dar nome às coisas é ordenar o mundo, é instituir os parâmetros pelos quais vemos, é legislar e, sobretudo, socializar-se socializando-o*” (GOMES; 2003, p. 21) E, no momento que o humano institui “*parâmetros*” de como se ver o mundo, ele o ordena e o hierarquiza, estabelecendo sistemas de ordenamento de valores que serão legitimados, seja pelo uso cotidiano, naturalizando-se, ou pela imposição através da força na tentativa de, novamente, naturalizá-lo.

De um lado, a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. (CERTEAU, 2008, p38)

Como destaca Certeau, as relações são sempre sociais. Constituímo-nos no cotidiano, no fazer diário das relações de troca e consumo, nos “*modos de operação ou esquemas de ação*” (idem) adotados pelo sujeito imerso na sociedade que ele mesmo constitui e a modifica sem cessar. E, como bem pontua Adan Kuper os:

Discursos sobre cultura não são inventados livremente; eles remontam a determinadas tradições intelectuais que persistiram por gerações, disseminando-se da Europa para todo o mundo, impondo concepções da natureza humana e da história, provocando uma série de debates recorrentes. Vozes ancestrais perseguem os escritores contemporâneos (2008, p.30)

Não conseguimos olhar para o mundo circundante sem descrevê-lo, sem compará-lo, estamos a todo o momento, realizando operações mentais de descrição e comparação e socialização. E, para realizá-las, nos valem estas *vozes ‘ancestrais’* que Kuper referencia. Pois, as coisas não são entendidas ou percebidas isoladamente, mas sim através das relações estabelecidas entre elas. Nunca olhamos para uma coisa

apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados. (BERGER; 1999, p.11). A relação entre as coisas, e a consequente legitimação dos usos e discursos, não se dá a um só golpe, ela se processa ao longo do tempo e do espaço. Estabelecendo uma relação entre passado e presente, forjando formas de organizar, ver e interagir com o presente incerto.

Assim sendo, primeiramente devemos levar em conta um modo específico pelo qual o sujeito entra no mundo social. Ele encontra organizações que lhe precedem, ordenações que lhe mostram ou indicam o que deve ser visto. O mundo a ser vivido lhe é apresentado numa configuração abrangente, direcionando o entendimento e assinalando prioridades (GOMES; 2003, p. 33).

Nascemos em um mundo organizado, onde as formas de ver e ser visto já estão configuradas. As palavras já possuem memórias negociadas e estabelecidas, impregnando a teia social de significados e significações. Hierarquizando os discursos e as relações e, como aponta Foucault “*não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, (...) que se conservam (...) em uma espécie de desnivelamento entre os discursos*” (2004; p. 22). Pois, os discursos são ordenados e hierarquizados, não no momento em que são proferidos, mas antes mesmo de nele sermos inseridos. Quem fala de onde fala e como fala, também são fatores constitutivos do próprio discurso. Contudo, como nos ensina Certeau os indivíduos se apropriam destes saberes e determinações remodelando-os de forma minúscula “*jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los*” (2008, p.41). Transformando no cotidiano estas determinações maiores, subvertendo-a no uso, alargando os vazios das grades das interdições que os aparelhos disciplinares, que Foucault aponta, procuram impor.

Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de

‘táticas’ articuladas sobre os detalhes do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou indivíduos presos agora nas redes da ‘vigilância’. (CERTEAU, 2008, p. 41)

Os discursos disciplinares são constituídos no passado e, no qual, somos imersos desde nosso nascimento, mas que não cessam de se modificar e como ensina Hobsbawm estes discursos são “*uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana*” (1998, p.22). De forma que, da sua influencia, não escapamos, por um simples ato individual de vontade, a ele estamos ligados, mas não atados indefinidamente, os *usos* e as *táticas de consumo* estão aí para nos alertar continuamente. O passado já está posto, não podemos mudá-lo efetivamente sem falseá-lo, mas podemos (re)interpretá-lo ou (re)inventá-lo. Atribuindo novos significados e valores as palavras que o nomearam e definiram este passado. E, com efeito, a cada vez que evocamos o passado para dar sentido ao presente o reelaboramos e, a cada evocação, modificamo-lo até o momento em que não seja mais possível identificar o fato original a que nos referenciamos, mas apenas a sua nova versão estabelecida no jogo de significações e atos de vontade do presente.

Como aponta Stuart Hall (2003) “*fazemos a história, mas com base em condições anteriores não produzidas nós mesmos*” destacando a seguir que: “*a prática é a forma como uma estrutura é ativamente reproduzida*” (p. 158) e que os indivíduos recorrem aos “*vínculos e estruturas nas quais se inserem*” de forma a dar um sentido para o mundo sem, contudo, estarem rigorosamente atados a elas em cada momento de sua existência. “*As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar em uma politização das práticas cotidianas.*” (CERTEAU, 2008, p.45)

Fotografia de Imprensa – usos e atributos

Fotojornalismo e cartoonismo podem, na realidade, ser comunicação educativa, pedagógica, vigilante, democrática, sensível, diversa, integradora e, sempre que possível, esteticamente trabalhada, criativa, inovadora. Chama-se isso a arte de bem comunicar com imagens. (SOUSA, 2005, P. 312)

Para esta abordagem, adotamos a divisão proposta por Walter Benjamin que situa a fotografia no campo das imagens técnicas, diferenciando-as das imagens tradicionais – pintura, desenho, escultura e gravura. Pois, diferentes das imagens tradicionais, as imagens técnicas são produzidas para o uso predominante dos meios de comunicação, seguindo técnicas de codificação bastante específicas de acordo com o meio em que será empregada. Desta forma, a fotografia jornalística deve ser encarada como um componente do discurso jornalístico, respeitando assim a forma de codificação deste discurso.

Partindo deste pensamento, podemos adotar como princípio que as fotografias jornalísticas são produzidas buscando a ‘tradução’ de um determinado evento para uma linguagem possível de ser compreendida pelo maior número de pessoas. Detentoras de diferentes graus de formação e informação sobre os fatos da atualidade. Esta necessidade de composição leva o fotojornalista a escrever o seu discurso de forma direta, ou seja, priorizando o **sujeito**, a **ação** (verbo) e o **lugar**/condições (complemento) que os fatos ocorreram.

Ivan Lima (1988) em uma obra já clássica no campo do fotojornalismo propõe um diagrama para orientar a produção dos fotojornalistas (fig. 1) e, defende que “*é necessário que a fotografia tenha a sua linguagem, exprima o ocorrido de forma clara e indiscutível e situe o fato, o evento ou o acontecimento dentro do seu espaço e da sua época*”(p.26). Complementando que é por conter ‘sujeito’, ‘circunstancia’ e ‘ambiente’ que a fotografia jornalística consegue passar uma informação de forma ordenada para um número grande de pessoas.

Diagrama proposto por Ivan Lima

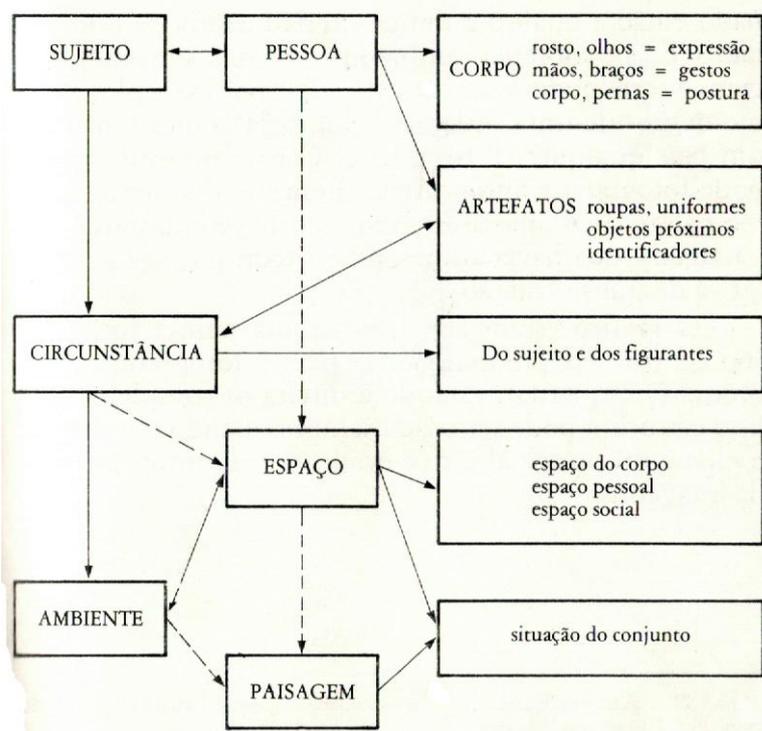


Figura 1

Para uma maior aproximação com o discurso impresso, prefiro empregar os termos verbo em substituição a circunstancia e complemento ao invés de ambiente. Esta substituição pouco ou nada altera no gráfico proposto por Lima. Mas altera no processo de ensino-aprendizagem do discurso fotográfico, inscrevendo a fotografia no campo do discurso estruturado a partir das normas vigentes para qualquer outro texto. Ou seja, a fotografia é sim um texto composto para significar algo para alguém e deverá ser lida de acordo com as normas estabelecidas. Esta abordagem permite ao fotojornalista pensar na imagem que irá produzir seguindo os princípios básicos do jornalismo, ou seja, dizer para o leitor quem fez, o que fez, e como ou onde fez. Construindo assim um discurso composto ou complementar ao título, legenda e a matéria em que ela está aliada.

Para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação de fotografias e textos. Quando se fala de fotojornalismo não se fala exclusivamente de fotografia. A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientam a construção de sentido para a mensagem. (SOUSA, 2005, p.333)

Esta dependência dos ‘textos’ para a sua compreensão é que permite ao professor maior flexibilidade na utilização da fotografia de imprensa em sala de aula. Pois, o significado da fotografia jornalística não está apenas nela, mas sim no conjunto de informações a ela associadas. È nos textos conjugados a fotografia jornalística (título e legenda), que encontraremos o nome do personagem, sua qualificação profissional ou social, bem como o motivo de sua ação/comportamento. Estes elementos suplementares é que dão sentido a imagem, propondo um ‘é isto’, uma forma de ler a imagem, provendo-a de um sentido específico que de certo modo, ofusca as demais leituras possíveis da imagem. Veja exemplo.



Figura 2 – Correio Popular – Campinas – Capa – 20/09/2010

A fotografia nos trás apenas a informação que uma mulher está se esquivando de um obstáculo qualquer - parece saltar sobre ele - sem nos dar mais elementos para a sua interpretação. É o título que nos informa o nome de quem está praticando a ação: “Fabiana Murer” e, é na legenda que encontramos qual a atividade dela “atleta” e a confirmação de nossa impressão: “salta para a vitória”. No texto contíguo a fotografia temos as demais informações sobre o acontecimento que nos permite compor uma ideia mais precisa sobre o evento. A atleta campeira ganhou o Troféu Brasil de Atletismo na categoria de salto com vara.

Esta complementaridade entre textos (foto, título, legenda e matéria) circunscreve a imagem jornalística em um nível informacional que as imagens tradicionais não possuem. A fotografia de imprensa tem seu sentido ancorado pelos

demais textos jornalísticos editados de forma a formar um corpo informacional dotado de sentido e, buscando-se uma coerência interna. Desta forma, a busca pelos elementos significantes mínimos de uma fotografia jornalística torna-se possível. Tendo em vista que, tanto a fotografia de imprensa como o texto que a contorna, buscam responder as seguintes perguntas: quem fez?, o que fez?, como fez?, onde fez? , por que fez? e quando ocorreu o fato?.

Tomemos como exemplo a matéria constante da figura 2. Nela encontramos a seguinte estrutura:

Título: *‘Fabiana Murer é ouro e Orcampi conquista 3º lugar’*

Fotografia: Mulher de rabo de cavalo e em roupa de ginástica se esquivando de obstáculo

Legenda: *‘A atleta campineira Fabiana Murer salta para a vitória no Troféu Brasil’*

Por esta estrutura mínima temos a resposta para as seguintes questões do jornalismo.

Quem? (sujeito): ‘Fabiana Murer’ – no título, a legenda amplia a informação: ‘A atleta campineira Fabiana Murer’, a foto traz a imagem da pessoa identificada como Fabiana Murer;

O que? (ação): ‘salta para a vitória’ – legenda, esta informação nos permite entender a ação retratada na imagem, desta forma temos que o ato de se esquivar da personagem da fotografia, que agora já tem um nome ‘Fabiana Murer’ é o momento final do salto com vara. A informação de que se trata de um salto com vara está no texto contíguo a fotografia que também informa que a altura do salto foi de 4,70mt.

Como? (complemento) – ‘salto com vara’ – a informação está contida no corpo da matéria e na legenda, a fotografia não mostra a vara utilizada para o salto.

Onde? (complemento): ‘no Troféu Brasil’ – a informação está na legenda e no corpo da matéria.

Porque? (complemento); por ser atleta e estar disputando uma competição – ‘Fabiana Murer é ouro’ título e ‘salta para a vitória no Troféu Brasil’ – legenda.

Quando ocorreu o fato: ‘ontem’ – corpo do texto, como o jornal data de 20/09/2010, o fato ocorreu no dia 19/09/2010.

Vejamos então, por esta estrutura temos que a atleta campineira Fabiana Murer ganhou a medalha de ouro na modalidade salto com vara durante o Troféu Brasil de atletismo ocorrido no dia 19 de setembro de 2010. A fotografia, neste caso específico assume a função referencial, adicionando a matéria movimento e o efeito de verdade. Pois, acreditamos que o jornalista, pelo menos o fotojornalista, esteve presente ao evento e, desta forma tornou-se testemunha do acontecimento. Portanto, o relato ali registrado é verdadeiro, tendo em vista que nenhum dos elementos desta matéria contradiz o outro. A foto é de uma mulher que parece saltar sobre algo, o título nos informa quem é a legenda amplia a informação e o texto traz informações complementares que a corroboram a informação principal. Trazendo para o leitor a sensação de presença ao evento, pois ele ‘pode ver’ o que aconteceu.

Esta possibilidade de ‘presença’, de ‘participação’ que a imagem nos trás, de maneira mais imediata que a leitura de um texto, é que pode ser utilizada a favor do educador como forma de despertar o interesse do aluno na busca do entendimento do fato ali registrado. O ato de buscar a informação, tendo a certeza de sucesso e de baixo gasto de energia, pode torna-se um começo para pesquisas mais complexas. Ficando apenas no senso comum, temos que nossos alunos, desistem facilmente de um desafio intelectual ante a possibilidade do fracasso. A preferência parece ser o não fazer para não errar do que o tentar, não conseguir e ter que assumir o insucesso. Partindo de uma imagem que, de início, já dê alguma segurança no tocante a informação buscada, pode ser meio caminho para o rompimento da inércia provocada pelo medo do fracasso.

Referências Bibliográficas

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In **Teoria da Cultura de Massa**. Introdução, seleção e comentários de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BERGUER, John. **Modos de ver**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COSTA, Cristina. **Educação Imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FARIA, Maria Alice e ZANCHETTA JR, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10º ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2003.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik: tradução Adelaine La Guardia Resende...(et AL). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOBBSAWM, Eric J. **Sobre a história**. Tradução Cid Knipel Moreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KUPER, Adan. **Cultura: a visão dos antropólogos**. São Paulo-SP: Edusc, 2002.
- LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro. **Educação não forma – Cenários de criação**. (organizadoras) Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis-SC: Letras Contemporâneas-Oficina Editorial Ltda, 2004.
- TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In **Introdução às fontes de informação**. Bernadete Santos Campello, Paulo da Terra Caldeira (organizadores). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.